

Quando as paredes nos gritam aos olhos: proposta sobre leitura de graffiti com crianças

Estar aqui hoje, com esta sinestesia, a falar de graffiti a propósito de educação artística e leitura na infância num congresso sobre conflitos, prende-se directamente com dois motivos: o meu interesse pelas questões da cultura contemporânea, em particular sobre a importância da **contextualização, sobretudo na educação literária**; mas também a memória de dois episódios vividos por crianças – o meu filho que tem hoje 20 anos e uma colega da minha filha que há-de ter agora 18 anos. É por estas memórias, afectivas, que começo, para desenvolver à medida que vou esboçando e deixando alguns fios soltos, em estado que julgo prontos para ajudar a tecer algum trabalho de investigação com e por essas linhas. Para construir estas reflexões foi muito importante a leitura de uma história contemporânea intitulada *Arte na Cidade – História Contemporânea* de Mário Caeiro, publicada na colecção Temas & Debates do Círculo de Leitores em 2014.

Quando teria 4 ou 5 anos, houve um dia em que o meu filho, na companhia da irmã mais nova e da avó, teve de atravessar um túnel pedonal todo grafitado para chegar, e depois sair, da praia. Se para lá o caminho pelo desejo de chegar à praia foi feito com os olhos enterrados no pescoço da avó, o regresso com idêntica coreografia foi já acompanhada por audível banda sonora de choro. Quando agora lhe perguntei se se lembrava desse episódio por si, e não como memória secundária, e sim lembrava-se, acrescentou que o medo, mais do que aquela presença agressiva, pelas cores vivas e figuras distorcidas, foi a impossibilidade de sair dali sem que fosse só ao fundo do túnel. Também é verdade que as interpretações deste meu filho de um mundo desordenado foram sempre rebuscadas: ele não gostava de palhaços, nem de figuras infantis vestidas por pessoas. Para ele, aquilo não eram pessoas disfarçadas, mas ursos, cães, gatos ou outros com comportamentos de pessoa, o que pode ser bastante assustador e é até um bom filão de filmes de terror.

A outra memória foi quando perguntei a uma miúda de 9 ou 10 anos em que escola da cidade a irmã mais nova andava e ela me respondeu, muito pronta: «naquela em que à frente está escrito QUERES EDUCAÇÃO, PAGA!» Infelizmente, e o advérbio é egoísta e hipócrita – já que acredito na escola pública - já não existe essa frase pinchada naquela parede em Évora...

Nestes exemplos, temos casos de dois tipos de textos – o verbal e o icónico – que podemos ver expostos em espaço público. E temos dois tipos de finalidade nesta forma expressão (artística) clandestina, por isso as pinturas eram num túnel, e de protesto, relativamente a questões políticas. Nem uma nem outra foram provavelmente lidas por estas crianças neste contexto, muito embora ambas tenham servido para contextualizar de forma muito personalizada: numa, o medo de lugares de onde não vemos saída; noutra, como se se tratasse de uma placa de identificação oficial.

De facto, como afirmo no resumo, a **partir do momento em que começam a ler as crianças tornam-se ávidas e absorventes de todo o tipo de palavra ou frase com que se cruzam**. Se conseguem interpretar lendo uma frase como «se queres educação, paga!», não entendendo o seu contexto de conflito social e sendo por isso uma interpretação para uma outra qualquer informação, também conseguem reagir, numa interpretação mais emotiva do que racional, ao texto icónico que, transmitindo a agressividade, consegue precisamente causar em quem o visualiza a sensação de estar a ser agredido. Como afirmo ainda **mesmo quando não sabem ainda ler, há pinturas murais que suscitam reações e emoções nas crianças que são reflexo de perguntas que esperam respostas, fruto da propriedade comunicativa da arte**.

Mário Caeiro, na obra que mencionei, dá-nos inúmeras perspectivas sobre o entendimento dos vários dispositivos estéticos da arte na ou da rua mais ideologicamente marcada e, do que chama em dada altura, a iluminação política, citando desde logo sobre este último conceito a investigadora Doris Sommer, que estudou Schiller e Habermas, e que diz: *«Os verdadeiros artistas não negam ou evitam o conflito: lutam com este, energizados pelas forças em contenda no sentido de produzir belas novas obras que carregam a marca da liberdade que permitiu a inovação. E essa marca, tornada visível ou audível para o público através da obra de arte, multiplica a experiência da liberdade num senso partilhado ou comum sobre o qual se pode fundar uma política iluminada.»* (Caeiro, 2014: 435) Ora, com a criança espectadora ou leitora do graffiti, parece-me que o senso está longe de ser partilhado ou comum. A liberdade não estará (ainda) na transgressão e o gosto reclama um entendimento para além de uma mensagem mais ou menos subliminar. E, no entanto, estando num espaço público, a arte de rua de que os graffiti são um exemplo, não podem contar que sejam de acesso reservado a apenas alguns, os que, por exemplo, se desloquem propositadamente a um determinado local onde se apresentam criações artísticas.

Como afirmo, **as paredes dos meios urbanos são telas prolíferas, ao contrário dos meios rurais que ainda lhes resistem e onde esta prática é conotada, não sem alguma razão, com a imundície.** Acrescentaria ao meio rural – na categoria do espaço, portanto - a categoria do tempo, o geracional: as gerações mais velhas e as crianças mais pequenas para quem escrever na parede dificilmente será um gesto a aplaudir.

Aliás, numa gradual coincidência de gerações, as avozinhas que grafitam parecem rejuvenescer e deixar de lado esse preconceito, em mais um programa de seniores activos que as instituições com responsabilidades na solidariedade social assumem actualmente como prioridade na promoção do bem-estar. O acto de rebeldia simulado, enquadrado por um consentimento que desvirtua o original, é promotor de uma espécie de ficção de uma vida real mais desinteressante. Já com as crianças, normalmente as actividades de pinturas murais são enquadradas e contextualizadas em momentos comemorativos.

Mas porque o que nos interessa aqui e hoje é trabalhar os conflitos, importa definir **o graffiti, com ou sem palavras, [como o que] encontra na frase certa e/ou poética uma forma de comunicação estética, e são manifestações que poderemos, discutindo, classificar como artísticas que, muitas vezes, refletem situações de conflitos sociais, de guerras com o poder, de denúncia.** Pareceu-nos então que esses graffiti que têm na sua origem, claramente, a expressão de conflitualidades, e que **provocam reações, emoções, deviam reclamar uma mediação. Uma mediação que esteja ciente das possibilidades de leitura de imagens verbais e pictóricas e que se predisponha a explicar porquê, onde e como estão, a agressividade e o conflito, figurados.**

Assim propomos, completamente em aberto, uma metodologia de leitura que seja organizada para o que classificaríamos para já como dois tipos de graffiti, quer sejam só icónicos ou mistos: assim distinguiríamos os clandestinos dos consentidos. É sobretudo analisando os contextos – se a parede é em espaço aberto e se pode mesmo em alguns casos assistir à sua criação o graffiti é obviamente consentido, mas gerando muitas vezes o boicote clandestino, já que o consentimento define a regra e a sua espécie de “profanação” o marginal. O “estragar” uma parede branca com o graffiti troca-se pelo “estragar” do graffiti com a pinchada, o que nos poderá voltar a equacionar os limites e os matizes da liberdade, remetendo-se o graffiti para o lugar do belo, mais do que para o lugar da ideologia. E é também aqui que podemos juntar à discussão um outro elemento: o da arma.

Como digo no meu resumo, **nas paredes, as imagens e as palavras são armas que estão ao alcance e a uso dos que têm muito menos de 18 anos e, ainda assim, têm licença para as ver/ler e usar**, como se de um exército oficial se tratasse. Enquanto a profanação de um graffiti consentido, por outro graffiti roçará o quebrar da regra. Armas a sério que se transformam em pistola de fulminantes?...

Abro um parêntesis aqui para o efeito semelhante da patrimonialização de manifestações culturais imateriais, e lembro o cante alentejano, em que retiradas do contexto em que nasceram, com uma dinâmica muito própria, ao serem patrimonializados e tornando-se espectáculos encenados, descontextualizados portanto, assumem outras possibilidades. É meu entendimento que essas possibilidades são até mais interessantes do que a perpetuação da tradição que deve, obviamente, ser estudada e guardada onde tem de o ser.

Mas regressando ao critério do belo que parece ultrapassar o da conflitualidade quando a expressão dos graffiti se domestica e a rua passa a ser uma casa de artistas: para uma criança, ao discutirmos este tipo de consagração vs profanação numa arte de rua nascida clandestinamente, estaremos sempre a incorrer no risco de perguntas complicadas, já que tudo começou por se fazer o que não era suposto fazer a uma parede. Aliás, na Ilustrarte deste ano, das várias ilustrações que representavam paisagens urbanas, não se viam paredes grafitadas, a não ser num livro de Julie Bernard, intitulado *Le Livre des Métiers*, cuja temática na profissão de “embelezador de paredes” o grafitar é óbvio e benévolo. Dizem as minhas duas brilhantes e eruditas colegas Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva que há contudo casos em que isso acontece, o que poderá ser uma temática interessante a trabalhar em ilustração, reunido um corpus a organizar.

Se a maioria dos próprios livros para crianças ainda não representam com à-vontade paredes grafitadas (há paredes degradadas, mas onde não se vêem representadas sequer pinchagens como normalmente acontece nas cidades), pode constituir-se como um factor para efectivamente **a agressão e a transgressão poderem, diríamos quase epistemologicamente, identificar-se com os graffiti sendo, como é óbvio, para as crianças mais pequenas difícil de entender por que alguns desses graffiti consideramos serem arte.**

Em jeito de conclusão, e de forma esquemática, **propomos** então um leque de pontos/questões que poderão dar **respostas a eventuais perguntas com que os adultos que convivem com crianças possam ser sujeitos ao usarem o espaço público ocupado por estas manifestações**, das clandestinas às consentidas. E **também convém que se distingam de outras e possam ser consideradas literárias e artísticas e onde os conflitos sociais estejam presentes, ainda que, diríamos, subliminarmente**. Nestes casos, incluiria sobretudo os graffiti que assinalam personalidades, datas ou períodos ideologicamente marcados, como monumentos e não como alvo de crítica e sátira. Todos suficientemente óbvios para serem, em princípio, explicados por adultos esclarecidos.

Proponho, então, que a leitura de um graffiti com uma criança possa seguir quatro linhas, antes de lhe ouvir a avaliação do “gosto” ou “não gosto”, do “bonito” ou “feio”:

1. uma primeira abordagem ao local em que está o graffiti e que ajudará, primeiro, a perceber se é clandestino ou consentido, segundo, eventualmente a ajudar á interpretação de conteúdos;
2. perceber que se o graffiti está em parede degradada pode embelezá-la, mas numa parede limpa terá que se concorrer com argumentos entre a limpeza e a beleza, o que não é forçosamente uma tarefa difícil se sobretudo concordamos com a mensagem do graffiti;
3. uma distinção entre texto verbal, icónico, texto misto ou icónico legendado;
4. na presença explícita da expressão da conflitualidade, importará conhecer e saber reconhecer o que está de facto em causa e, depois, propor e ouvir propostas sobre uma reapreciação do graffiti conhecido o conflito em causa (duvido que escapemos ao maniqueísmo infantil, mas podemos sempre tentar pôr-nos nos sapatos dos outros, dependendo do nosso próprio projecto de educação que, como está bom de ver, é sempre ideológica, nem que seja pela assumpção da ignorância)

Daqui para a frente, todas as propostas de leitura já serão feitas entrando no graffiti como se de um livro, um quadro ou uma fotografia se tratasse: uma representação encenada de “coisas” e sentimentos, por exemplo, onde as estratégias literárias e artísticas, em cada linguagem, possam ser descobertas e lidas.

Certo é que, com os graffiti, quando não se pode limitar a observação por ser ou não apropriada a esta ou àquela idade, podemos sempre cair no embaraço. E cito, para fechar, mais um afecto meu, uma passagem do *The catcher in the rye* de Salinger onde o que está escrito na parede, ainda que tão banalizado nas cidades, consegue agredir aquele que o lê, o perturbado e inquieto jovem protagonista, narrador autodiegético, e que diz assim:

I went down by a different staircase, and I saw another "Fuck you" on the wall. I tried to rub it off with my hand again, but this one was scratched on, with a knife or something. It wouldn't come off. It's hopeless, anyway. If you had a million years to do it in, you couldn't rub out even half the "Fuck you" signs in the world. It's impossible. (...)That's the whole trouble. You can't ever find a place that's nice and peaceful, because there isn't any. You may think there is, but once you get there, when you're not looking, somebody'll sneak up and write "Fuck you" right under your nose. I think, even, if I ever die, and they stick me in a cemetery, and I have a tombstone and all, it'll say "Holden Caulfield" on it, and then what year I was born and what year I died, and then right under that it'll say "Fuck you." I'm positive, in fact. (chapter 25).

Graciñas!